

BEN MILLER

O DIA
EM QUE
CAÍ
NUM
CONTO de FADAS

A whimsical illustration of a young girl with blonde hair, wearing a red and white striped shirt and blue jeans, falling upside down through a dark blue forest at night. The scene is filled with magical elements: a red book floats nearby, a red and white striped lollipop, a pink swirl lollipop, a green candy, a pink candy, a red and white striped lollipop, a red apple, and a string of beads. The background is a deep blue with white stars and sparkles, and dark, silhouetted trees.

«Uma aventura mágica.»
+ Sunday Express





Prólogo

De repente, ali estava ele. Um monte fresco de terra, do tamanho dos montículos feitos por toupeiras, mesmo no meio do terreno baldio.

Só que não era um montículo feito por uma toupeira.

Não que alguém o tivesse visto a formar-se. Era noite cerrada e uma grande tempestade abatia-se sobre a aldeia, por isso, os aldeões estavam todos a salvo, aconchegados nas suas camas, com as cortinas fechadas e os cobertores elétricos ligados.

Mas, enquanto dormiam, o pequeno montículo de terra começou a crescer. E, enquanto o vento uivava e a chuva batia como um chicote, tornou-se cada vez maior. Ergueu-se mais e mais, até ficar do tamanho de um fardo de palha.

Os relâmpagos estalavam no céu e um trovão precipitou-se sobre o vale. O monte de terra começou a tremer e o seu cume oscilou e estremeceu até, subitamente, um mastro de bandeira de esmalte branco e brilhante surgir no topo!

O mastro subiu e subiu, erguendo-se do chão como um pé de feijão num conto de fadas. Assim que alcançou a sua altura total, parou, antes de, também ele, começar a estremecer e a tremer. É que o mastro de bandeira era apenas o início.

Fendas surgiram no baldio, abrindo rachas, enquanto a relva se deformava e partia, e algo verdadeiramente enorme começava a despontar.

Um telhado. Um telhado de alumínio colossal! Contorcia-se cada vez mais para cima, empurrado por paredes de blocos de cimento que emergiam

do chão. A terra rolava para fora e, como um gigante a levantar-se do seu sono, todo um edifício começou a erguer-se. Vigas mestras fixaram-se no sítio certo, ombreiras de portas endireitaram-se e placas de vidro laminado encontraram o encaixe perfeito. Quando ficou tudo no sítio, toda a estrutura ficou em silêncio.

No entanto, a chuva continuava a bater, limpando tudo.

Depois, as carregadas nuvens cinzentas dispersaram-se e uma lua cheia brilhou tanto como uma moeda. O vento acalmou e a chuva parou.

Num campo próximo, um galo cantou. Já era de manhã, e o céu pálido da alvorada ganhou um azul mais vívido em todo o vale. Pouco depois, os primeiros raios de sol percorriam a aldeia ainda adormecida. E ali, no sopé da colina, precisamente no meio do terreno baldio, aquilo que começara como um monte de terra não maior do que um montículo feito por uma toupeira era agora um supermercado novinho em folha.

Uma brisa soprou e, no topo do mastro, uma bandeira bordô e dourada desenrolou-se. Continha uma única palavra.

Grimm's.



No entanto, a chuva continuava a bater, limpando tudo.



Capítulo Um

Lana estava entediada. Tinha finalmente parado de chover, mas ela não tinha ninguém com quem brincar.

O seu irmão mais velho, Harrison, costumava inventar os jogos mais espetaculares: Os Cavaleiros da Távola Redonda, por exemplo, ou Soldados e *Zombies*. Mas Harrison mudara desde que fora para a escola secundária. Tinha-se tornado SériO. Embora também estivesse de férias, a única coisa que fazia era ficar no quarto a trabalhar.

Depois do pequeno-almoço, quando Lana batera à sua porta para ver se ele queria ir brincar na casa na árvore, ele fechara-lhe a porta na cara sem dizer uma palavra.

Agora, dez minutos mais tarde, ela voltara para ver se ele tinha mudado de ideias, mas encontrara um grande cartaz na porta, onde se lia:

**TPC MUITO IMPORTANTE A DECORRER.
NÃO INCOMODAR.**

De certeza que isto é para os nossos pais, pensou Lana. Aposto que, no fundo, ele está à espera de que eu lhe peça de novo para ir brincar...

Desta vez, decidiu não bater à porta e encontrou Harrison sentado à secretária, muito concentrado nos livros e papéis à sua frente.

— Não viste o aviso? — disse ele, sem olhar para cima. — O que queres?

— Só queria saber se gostavas de jogar um jogo...
Harrison continuou a não olhar para cima.

— Podemos brincar ao que quiseres. Aos pugilistas. Aos piratas. Aos polícias. Não me importo!

Harrison suspirou e pousou a caneta. Tirou os óculos e apertou a cana do nariz. Era algo que Lana vira o pai deles fazer, e era evidente que Harrison achava que isso lhe dava um ar crescido e importante.

— Lana — disse ele. — Já não tenho tempo para jogos. Sabes o que é um lago em ferradura?

Lana não sabia.

— É um tipo especial de lago que se forma quando um rio se torna muito retorcido. Enfim, eu estou muito ocupado a ler tudo sobre isso.

— Talvez depois disso? — propôs ela.

Harrison franziu o sobrolho.



— Olha, depois dos lagos em ferradura, tenho de aprender sobre Arquimedes.

Lana olhou inexpressivamente para o irmão.

— Ele era da Grécia Antiga — explicou Harrison.
— Foi basicamente o primeiro cientista.

— Parece divertido — disse Lana, algo que não era definitivamente verdade. Fez o seu melhor para não parecer desiludida. Não resultou.

O rosto de Harrison suavizou-se. Uma parte dele sentia, de facto, falta das suas aventuras. Para começar, Lana dedicava-se sempre a qualquer brincadeira que fizessem. Havia poucos agentes da polícia tão empenhados em manter a lei e a ordem e poucos *zombies* tão determinados a destruir a civilização humana como a sua maninha mais nova.

— Desculpa — disse ele. — Fazemos qualquer coisa em breve, prometo.

Mas Lana sabia que não era verdade.



Estava na hora de medidas drásticas. Sempre que precisava realmente de se animar, havia um sítio aonde Lana adorava ir: ao toucador onde a mãe guardava os perfumes. Na verdade, Lana não podia brincar com eles, mas aqueles frascos todos, com os seus nomes estranhos e formatos elegantes, tinham algo de mágico, a que ela não conseguia resistir. Então, esgueirou-se para o quarto dos pais e inspecionou a coleção toda, examinando cada um, até os seus olhos pousarem sobre um frasquinho alto, feito de vidro lapidado carmesim, com a palavra *Encanto* impressa ao meio, em letras douradas serpenteantes. Lana retirou cuidadosamente a tampa e inspirou profundamente.

De repente, a voz da sua mãe ressoou muito perto.

— Ah, felizmente! A chuva parou!

Lana entrou em pânico, atrapalhando-se com a tampa, e esguichou acidentalmente perfume para o seu olho esquerdo.

— Au! — gritou, enterrando o rosto na dobra do cotovelo.

A cabeça da mãe espreitou pela porta. Ela franziu o sobrolho e cheirou o ar.

— Que cheiro é este? É perfume?

— Não me cheira a nada — disse Lana. Escondeu rapidamente o frasco atrás das costas. O seu olho picava e uma lágrima correu-lhe pela face esquerda.

— Estás bem? — perguntou a mãe, com um ar de preocupação.

Foi quando Lana se apercebeu: a mãe pensava que ela estava chateada.

— O Harrison não brinca comigo — disse, fazendo rapidamente uma cara triste.

A mãe acenou pensativamente com a cabeça.

— Eu sei — respondeu. — Está preocupado com os exames.

— Mas porquê? — perguntou Lana. — Ele só está no primeiro ano da escola secundária. Faltam SÉCULOS para os exames.

— Ele só quer estar preparado — disse a mãe, com um tom de preocupação na voz. — Sabes como ele é.

— Tenho saudades dele.

— Oh, Lana. Lamento. — A mãe abriu os braços e deu-lhe um grande abraço. Lana sentiu as suas lágrimas a tornarem-se verdadeiras. — O teu irmão está a crescer. É isto que acontece.

Agora que começara a chorar, Lana descobriu que não conseguia parar.

— Vamos sair e animar-te — disse a mãe, decididamente, determinada a alterar o humor da filha.

— Porque é que não vens ao Grimm's comigo?

— Onde?

— Oh, é muito empolgante — disse a mãe, com sinceridade. — Parece que, do dia para a noite, um supermercado apareceu do nada no baldio! Vi-o na minha caminhada esta manhã.

Lana suspirou de desilusão.

— São as férias da escola — disse ela. — É suposto fazermos coisas *divertidas*. E os supermercados *não são divertidos*.

— Anda lá — respondeu a mãe. — Eu compro-te uma prenda.

Lana ficou com as orelhas em pé.

— Que tipo de prenda? Um livro? — Podia não conseguir ter aventuras divertidas com Harrison, mas, se conseguisse encontrar um livro novo, pelo menos podia ler sobre terras distantes ou fugas arriscadas.

— Sim, se for isso que queres. Olha, vou lá abaixo dizer ao teu pai que vamos sair. Esperemos que, quando te juntares a mim, todos os meus perfumes estejam de volta ao seu sítio.

Lana tentou parecer inocente.

— Incluindo aquele que estás a esconder atrás das costas — disse a mãe de Lana, com um sorriso descontraído.



Capítulo Dois

Se uma coisa se podia dizer sobre Little Hilcot, a aldeia onde Lana morava, era isto: nunca mudava. Enquanto desciam de carro da sua casinha para o sopé da colina, tudo o que ela via era-lhe penosamente familiar. Lá estava o mesmo velho marco do correio vermelho, de sentinela, à porta da loja da aldeia, e ali estava a mesma velha fila de casas arqueadas, que ameaçavam ruir sobre a minúscula escola da aldeia. No final de tudo, aparecia a Casa Hilcot, com a sua sebe alta de teixo, onde

todos os verões a família Gatcombe acolhia a festa da aldeia.

Mas, quando fizeram a curva para virar para o baldio, Lana mal podia acreditar no que os seus olhos viam. A sua mãe estava certa: ali, onde ontem Lana tinha a certeza de que não existira nada além de relva, estava um enorme supermercado novo. Uma estrada de asfalto recente levou-as da rua até um belo arco de tijolo, que atravessaram para entrar num parque de estacionamento gigantesco, com árvores e arbustos plantados de forma ordenada.

— Então, o que achas? — perguntou a mãe de Lana, estacionando num dos lugares marcados de fresco e desligando o motor.

— De onde apareceu isto tudo? — perguntou Lana, olhando para o novo edifício reluzente.

— Não sei. Imagino que o tenham construído durante todo aquele mau tempo, quando estava toda a gente dentro de casa? Embora, como é que o fizeram sem ninguém reparar... — A mãe de Lana não

terminou a frase, parecendo intrigada. — Seja como for, vamos dar uma vista de olhos?

Saíram do carro e dirigiram-se para a entrada. A mãe de Lana soltou o primeiro carrinho de uma enorme fila de carrinhos de compras novinhos em folha e passou com um zumbido pelas portas automáticas.

Quando Lana a apanhou, já a mãe estava a encher o carrinho com embalagens enormes de papel higiénico.

— Olha para isto! — murmurou a mãe. — Quarenta e oito rolos pelo preço de vinte e quatro! E têm folha tripla. Temos de aproveitar isto enquanto podemos. Assim que a notícia se espalhar, isto vai ficar à pinha!

— Que bom — respondeu Lana, tentando parecer entusiasmada. — Mas precisamos de tanto papel higiénico?

— O que é isto? — perguntou a mãe, com voz de espanto. — Se comprar dezanove caixas de papel de alumínio, o vigésimo é de graça? É uma poupança incrível.

— Posso ir procurar a secção dos livros? — perguntou Lana.

— Não pode ser... — disse a mãe, por entre dentes, no seu próprio mundo. — Trinta e seis sacos de briquetes de churrasco pelo preço de trinta? Será que não foi um erro tipográfico?

Lana estava prestes a dizer que não tinham um churrasco, mas pensou melhor. E, enquanto a sua mãe continuava às compras, afastou-se sem fazer barulho...



Aparentemente, o Grimm's era enorme. Depois de vaguear sem rumo pela zona das Frutas e Legumes, Lana deu por si à deriva num corredor interminável de Padaria e Pastelaria, que finalmente terminou nos Doces e Compotas, que se fundiram com as Bolachas e Cereais, antes de atravessar o corredor das Refeições Prontas Congeladas e se encontrar de volta às... Frutas e Legumes. As prateleiras e os frigoríficos que ladeavam os corredores tinham o dobro

da sua altura e Lana começou a perder a esperança de alguma vez encontrar a secção dos livros.

Pensou em pedir indicações, mas, além de não haver mais nenhum cliente, também não conseguia ver nenhum funcionário. As caixas estavam vazias e não havia ninguém atrás do balcão da charcutaria; a farmácia e o café estavam em silêncio. Durante um breve instante, Lana pensou ter visto alguém a abastecer os congeladores, mas afinal era a sua mãe, a encher o carrinho, a transbordar com caixas de piza congelada.

Lana estava prestes a desistir da sua busca por um livro quando ouviu um ruído peculiar de movimento que parecia vir de um corredor mais perto do fundo do supermercado.

— Raios! — irritou-se uma voz aguda nasalada.
— Raios e coriscos malandrinos!

Curiosa, Lana esgueirou-se para a frente. Ali, em bicos dos pés, com os braços esticados, a esforçar-se para colocar um grande livro com uma capa vermelha de couro numa prateleira alta, encontrou

um homem com um aspeto extremamente estranho. Tinha mais ou menos a mesma altura que Lana, mas parecia muito mais velho — tão velho como o avô dela — e vestia um fato-macaco bordô com um elegante debrum dourado. Os seus olhos eram como contas castanhas, o seu nariz e orelhas eram enormes e a sua grande cabeça careca estava salpicada de verrugas.

— Então, não fiques aí parada, menina! — vociferou para ela. — Ajuda-me!

Lana saltou para a frente e colocou as mãos na lombada larga do livro, de cada um dos lados das mãos do homem. As unhas dele eram compridas e amarelas.

— Empurra! — O pequeno velhote esticou-se. — Com mais força!

Lana concentrou todas as suas forças, mas o livro era extraordinariamente pesado. Antes de ela saber realmente o que estava a acontecer, tombou para trás e deu por si imobilizada no chão, com o livro escarpachado sobre o peito.

— Deixaste-o cair! — zangou-se ele.

— Desculpe — disse Lana, contorcendo-se para se levantar. — Dei o meu melhor.

Enquanto falava, os seus olhos incidiram sobre uma das ilustrações. Era de uma bruxa, com um nariz comprido e um queixo aguçado, rodeada por uma floresta densa.

— Não vale espreitar — rosnou o pequeno velhote, pegando no livro. O seu rosto estava à altura do de Lana, e ela conseguia ver pelos brancos minúsculos na ponta do seu nariz. — Vou pô-lo numa prateleira alta, longe de crianças bisbilhoteiras como tu.

A sua atitude era tão defensiva que Lana quis imediatamente saber mais sobre o livro.

— Porque é que tem de ficar fora do alcance? O que tem lá dentro?

— Contos de fadas — respondeu o pequeno velhote, abraçando o livro contra o peito, como se tivesse receio de que Lana pudesse tentar tirar-lho.

Contos de fadas? Agora, Lana estava *realmente* interessada!

— Posso ver? — perguntou. — Posso comprar um livro como prenda, e eu adoro contos de fadas.

— Como estes, não gostas — disse ele, franzindo o sobrolho. — Estes são contos de fadas a sério, com séculos; demasiado assustadores para ti. Era melhor ficares-te por aquele. — Apontou para um livro ilustrado com um aspeto monótono, na prateleira mais baixa. — Chama-se *O Pequeno Rebocador que Tentou*. Um grande navio avaria-se e o pequeno rebocador tenta puxá-lo para a costa. Só que o grande navio é muito pesado, quase demasiado pesado, para o pequeno rebocador.

— E o que acontece? — perguntou Lana.

— Bem, ele continua a tentar — respondeu o pequeno velhote — e acaba por conseguir.

— Certo — disse Lana, a pensar que ou a história não era lá muito interessante ou o homem não estava a saber contá-la.

— Confia em mim — acrescentou ele, empurrando Lana na direção do livro ilustrado. — Ficarás

muito mais feliz com este. Olha, vês? Tem muitas imagens coloridas, amigáveis e seguras.

Virou costas a Lana e, pondo-se de novo em bicos dos pés, içou o grande livro vermelho de contos de fadas para a prateleira mais alta a que conseguia chegar.

— Pronto, em segurança. Assim está melhor. — E, sem mais uma palavra, desapareceu do corredor, virando a esquina.



Lana esperou um instante e, a seguir, depois de olhar rapidamente à sua volta, esticou-se, tirou o livro vermelho da prateleira e apressou-se a procurar a sua mãe.

Se o pequeno velhote estava tão determinado a manter os contos de fadas longe dela, então, deviam ser bons.

Assim que Lana se foi embora, o homem espreitou da esquina, com um sorrisinho no rosto.

— Se quisermos que uma criança leia alguma coisa... — sussurrou para si próprio — só temos de lhe dizer que é proibido.



— Céus, o que tens aí? — perguntou a mãe de Lana, já na caixa. Não havia ninguém do outro lado, mas ela amontoara tudo o que tirara do carrinho numa pilha alta, sobre o tapete da caixa.

— É um livro de contos de fadas — respondeu Lana, com orgulho. — Gostava que fosse a minha prenda, por favor.

— Oh — disse a mãe, e espirrou seis vezes de seguida. — Pó — murmurou, e espirrou outras

onze vezes. — De certeza que está à venda? Parece muito antigo.

— Hum... — começou Lana.

— Posso ajudar? — disse uma voz familiar, e a mãe de Lana deu um pulo. Ali, sentado junto à caixa, estava o pequeno velhote. Só que agora tinha um bigode castanho-escuro e usava uma camisa com colarinho branco e um colete bordô, uma gravata bordô e dourada e um barrete dourado.

— Olá — disse a mãe de Lana. — A minha filha quer levar este livro, mas não tem preço.

— Ah, sim? — perguntou ele, fitando Lana.
— Quantos anos tem ela?

— Nove — anunciou Lana.

— Uns 9 jovens ou uns 9 com alguma maturidade?

— Desculpe? — perguntou a mãe de Lana. — Que diferença faz?

— Estes contos de fadas não são... *adequados* para uns 9 *jovens*. Uns 9 com alguma *maturidade*, talvez.

— Compreendo — respondeu a mãe de Lana, que não gostava nada que lhe dissessem o que podia ou

não podia fazer, sobretudo estranhos. Abriu o livro e passou os olhos pelo índice. — Oh, sim — disse, a sorrir. — Eu adorava estas histórias quando era pequena. Vamos levá-lo, por favor.

— Como desejar, minha senhora — disse o pequeno velhote. — Mas não digam que não vos avisei. São 17 cêntimos.

A mãe de Lana olhou para ele sem expressão.

— Mas com o seu desconto de lançamento — acrescentou ele, com um sorriso descontraído —, posso fazer a 11 cêntimos.

Assim que Lana e a mãe saíram do supermercado, o pequeno velhote sorriu mais uma vez para si próprio.

— E se quisermos que um adulto compre algo — murmurou —, tem de ser barato.

DESCOBRE UM MUNDO DE CONTOS DE FADAS COMO NUNCA VISTE...

Lana adora aventuras, em especial aquelas que partilhava com o seu irmão, Harrison.

Agora Harrison diz que é demasiado crescido para estas brincadeiras.

Até que algo mágico acontece...

Num local totalmente inesperado, Lana descobre um misterioso portal para o mundo dos contos de fadas. Mas logo percebe que não se trata de um reino onde todos são felizes, mas sim de um universo cheio de aventuras perigosas.

Será que Lana vai conseguir convencer o irmão a voltar a acreditar na magia das histórias e a juntar-se a ela nesta luta do bem contra o mal?

Com belíssimas ilustrações de Daniela Jaglenka Terrazzini, esta é uma incrível aventura sobre o poder da imaginação e o elo especial que une os irmãos.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

 penguinlivros.pt
  penguinkidspt

8+

ISBN 9789897870613



9 789897 870613 >